

No. 2559
IMP L

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 58

Co 1/8

A Grecia e a guerra

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



==

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



A Grecia e a guerra

I

A neutralidade de Constantino

«Não passa de méra hipocrisia o pretexto da Inglaterra e da França contra a violação da neutralidade da Belgica e do Luxemburgo, visto o que eles teem feito e estão fazendo a mim.» Assim falou o ex-rei Constantino em 1916 numa entrevista com o representante da Associação da Imprensa que foi publicada pela Alemanha fóra e noutros paizes. Isto forneceu o tema á grande propaganda alemã, a qual declara que os Aliados fizeram de facto o que falsamente acusaram a Alemanha de ter feito na Belgica. E' característica a maneira pela qual a *Lokal-Anzeiger* anuncia a abdicação do rei Constantino: «A Entente cometeu o mais vil atentado de que reza a historia contra o direito que assiste a um povo de resolver os seus proprios negocios.» A nota que enviou a Alemanha aos paizes neutrais em 11 de janeiro, diz: «A opressão da Grecia pelos Aliados está sem exemplo na historia.»

Bastam estas citações para mostrar em resumo qual a base da legenda alemã; isto é, que

o rei Constantino era o povo grego e que o rei Constantino era neutral. Parece que esta lenda produziu o seu efeito no animo de certa gente que não se dá ao trabalho de indagar os factos e que não sabe distinguir entre um povo e os chefes que fortuitamente o governam. A publicação do Livro Branco da Grecia e os documentos apresentados á Camara grega durante a sessão do mez de agosto p. p. desfazem completamente essa lenda. Nunca houve duvida que o rei Constantino não era neutral; agora prova-se por meio de documentos.

Emquanto á sua pretensa representação do povo grego basta meia duzia de palavras. Em seguida á última Conferencia de Paris, os Aliados retiraram da Grecia a sua administração militar, e o povo grego, de novo unido e livre de agir por meio dum governo parlamentar constitucional, tratou logo de cortar todas as relações com a Alemanha. A Alemanha estará pronta a retirar o seu dominio militar na Belgica, e nesse caso quererá a Belgica romper as relações com a França e a Gran Bretanha? O absurdo da pergunta dá bem a medida da falsidade da lenda alemã com respeito á «Grecia oprimida».

Nestes artigos propomos dar um resumo dos factos trazidos á luz pelos documentos obtidos ha pouco. Sobresaem tres pontos nestes documentos novos: que o tratado grego-servio impunha á Grecia a obrigação de dar auxilio militar á Servia nas circumstancias em questão; que o rei Constantino esteve sempre ao

serviço da Alemanha e que, sob uma pretendida neutralidade, prestou á Alemanha grandes serviços, e que a Alemanha tem jogado com pau de dois bicos, o que acarretou para a Grecia o maior perigo que a tem ameaçado ha um seculo.

A chave do negocio encontra-se em dois telegramas que ao romper da guerra se trocaram entre o Kaiser e o rei Alexandre. No dia 4 de agosto de 1914 telegrafou o Kaiser por via da legação grega em Berlim, comunicando o facto de ter assinado um tratado com a Turquia; que a Romenia e a Bulgaria se tinham unido á Alemanha na guerra contra o Slavismo, e diz: «Não te esqueças de que, como marechal de campo alemão e como esposo da minha irmã, o teu lugar é a meu lado. Não te esqueças que te dei Kavala. Peço-te que faças o que tantas vezes discutimos.» A resposta do rei Constantino, expedida pela mesma via, dizia: — «O Kaiser sabe que as minhas simpatias pessoais e a minha opinião politica me atraem para o seu lado. Nunca esquecerei que a ele devo Kavala. Contudo, após madura reflexão, não vejo como lhe posso ser util mobilizando desde já o meu exercito.» Passa depois a declarar que a esquadra anglo-franceza impedi-lo-hia de concentrar o seu exercito, e segue: «Sem lhe podermos (ao Kaiser) prestar nenhum serviço, nós desapareceríamos do mapa. Portanto entendo que as circumstancias nos impõem a neutralidade; porém esta poderá ser-lhe util.»

Nota-se que o fim expresso do rei Constan-

tino é de servir o Kaiser. Isto podia conseguir-se por duas formas: auxiliando-o abertamente ou a ocultas. Promete-lhe um auxilio oculto que lhe «poderá ser util»; quão util tem sido passamos a examinar. (E' este o mesmo homem que no dia 1 de setembro de 1916 numa entrevista com o representante em Athenas da Associação da Imprensa «expressou a sua indignação que houvesse quem o julgasse capaz de se comprometer com quem quer que fosse a não tomar parte na guerra».) Por conseguinte, enquanto os ministros responsaveis faziam os seus protestos á Servia e aos Aliados, as Potencias Centrais sabiam perfeitamente que a Grecia havia de seguir uma politica absolutamente oposta. Vem a prova disto num telegrama expedido em 30 de julho de 1915, dois mezes antes do golpe de Estado do rei Constantino, pelo embaixador grego na Romenia, em que afirma que a Alemanha tinha dado ao governo bulgaro a certeza que a neutralidade da Grecia estava definitivamente resolvida mesmo no caso da Bulgaria atacar a Servia.

Quando rompeu a guerra encontrava-se o germanismo apoiado na Grecia pelo rei, pelos cortesãos, pelo Estado Maior, instruido pelos officiais alemães, por alguns professores educados na Alemanha e por alguns politicos de somenos importancia. A causa dos Aliados tinha o apoio de todo o partido liberal, que estava então no poder, do chefe do governo M. Venizelos, de toda a classe comercial, financeira e industrial, e a bem dizer de toda a plebe e de to-

dos os gregos que se achavam no estrangeiro, inclusivé as prosperas comunidades gregas estabelecidas na America, na Europa Occidental e no Egypto. A qual destes partidos pertencia de direito o nome de povo grego, o leitor que decida. Vem a proposito lembrar aqui que as extensas colonias gregas fóra do continente teem uma posição particular; para certos fins fazem parte da Grecia. Quando pelo plebiscito o povo grego votou no pai do rei Constantino para seu rei, os gregos das colonias tambem tiveram voto; portanto a sua resoluta opposição á causa do rei Constantino e da Alemanha vai além dum méro voto sentimental. A lenda da «opressão da Grecia pelos Aliados» é uma historia que explica como uma camarilha insignificante de germanófilos que, por um golpe de Estado, se apoderou do governo, fez da Grecia um anexo da Alemanha, deshonorando assim a nação grega; que todos aqueles que o puderam fazer se levantaram contra ele, e que os Aliados, depois dum periodo de expectativa paciente sem exemplo, usando dos seus direitos consignados por tratado e cumprindo com os seus deveres, afastou essa camarilha e reintegrou o povo grego nos seus direitos, dando-lhe a força necessaria para mais uma vez poder dirigir os seus proprios destinos.

II

Servia

O tratado de 1 de junho de 1913 entre a Grecia e a Servia e a convenção militar da mesma data que o acompanha acabam de ser publicados no Livro Branco da Grecia. Provam dum modo iniludível que o argumento apresentado pelo governo Zaimis em 12 de outubro de 1915 que diz que as partes contratantes tinham em vista unicamente a hipótese dum ataque isolado por parte da Bulgaria contra qualquer delas, não passa duma desculpa aldravada. A primeira clausula do tratado está bem clara: a Grecia deve auxiliar a Servia caso esta «seja atacada»; nenhum atacante vem especificado. As negociações para a convenção militar, a qual vem indicada como sendo suplementar ao tratado, provam que a Grecia quiz basear a convenção na quarta clausula do tratado (que trata dum ataque pela Bulgaria), mas que a Servia queria a primeira clausula como base. Prevaleceu a vontade da Servia sem qualquer modificação. A primeira clausula da convenção reza: «No caso de romper a guerra entre uma das potencias aliadas e uma terceira potencia... ou no caso dum ataque inesperado do exercito bulgaro ao exercito grego ou servio, com forças consideraveis — duas divisões pelo menos — as duas potencias...» Como isto se devia entender vem explicado no telegrama de 23 de maio de

1913, dirigido pelo general grego Strategos, que negociou a convenção, a M. Koromilas, ministro dos negocios estrangeiros da Grecia: «Do ponto de vista militar não é do nosso interesse (isto é, da Grecia) ampliar o tratado de aliança nem contra a Bulgaria nem contra nenhuma terceira potencia, pois as fronteiras da Servia são todas terrestres e podem facilmente trazer complicações com varias potencias, e *nós nos veriamos obrigados a auxiliá-la*». A convenção tinha em vista um ataque á Servia pela Austria.

Até agosto de 1915 ninguem na Grecia duvidou que este tratado tivesse o valor que aparentava. Em 26 de julho de 1914, M. Venizelos informou ao governo servio que ele dava de conselho ao rei Constantino que a Grecia empregasse toda a sua força contra a Bulgaria, caso esta atacasse a Servia; no dia 29 deu á Servia uma promessa categórica. A situação modificou-se com a intervenção da Russia; em 2 de agosto ficou combinado com o governo servio que a Grecia apoiaria a Servia, caso a Bulgaria a atacasse, mas que até então a Grecia se limitaria a observar a Bulgaria e a proteger a rétaguarda da Servia. As duas potencias achavam melhor este plano do que o de envolver o exercito grego na linha do Danubio, deixando exposta a rétaguarda. No dia 4 chegou o telegrama do Kaiser, seguido de varias tentativas feitas pela Alemanha para induzir a Grecia a atacar a Servia. Em novembro de 1915, M. Skouloudis disse ao correspondente do *Petit Parisien*: «Quando começou a guerra a Alema-

nha empregou os maiores empenhos para nos levar a tomar parte na guerra.»

Desses empenhos sabemos hoje alguma coisa pela correspondencia de M. Theotokis, ministro grego em Berlim. Herr von Jagow, ministro alemão dos negocios estrangeiros — o mesmo que antes da guerra tinha declarado que «os pequenos Estados não poderão gosar por mais tempo a existencia independente que teem tido até aqui», — achou em M. Theotokis um ministro facil de levar. Em 4 de agosto de 1914, M. Theotokis telegrafou ao rei Constantino nestes termos: «Se resolvemos aceder ao convite do Kaiser, sou de opinião que peçamos explicações categóricas emquanto ao que a Alemanha exige de nós e ao que nos dará no caso de bom exito. Parece-me que não desagradaria á Alemanha ver engrandecer a Grecia á custa da Servia.» No dia 7 explica que a Grecia deve exigir compensações pelos ganhos em perspectiva da Bulgaria e que os unicos territorios onde as poderia encontrar seriam na Albania e na Servia. «O unico meio de obter successo seria pela cooperação com a Bulgaria no ataque á Servia.» Acrescenta: «Como isto é uma questão da nossa propria existencia, devemos-nos aproveitar quanto possivel do grande cataclismo actual.» Em 31 de outubro, numa conversa com Herr Zimmermann, sub-secretario dos negocios estrangeiros, lembrou-lhe M. Theotokis que havia um tratado entre a Grecia e a Servia. Herr Zimmermann, como alemão, respondeu naturalmente: «Hoje os tratados pouco valor teem.»

Esta intriga feita ás escondidas de M. Venizelos não teve seguimento então; porém o dito de M. Venizelos é conhecido de todos: «A Grecia é uma potencia demasiado pequena para cometer tão grande infamia.»

Naquela ocasião o sentimento grego teve mais força que os desejos germanófilos, ainda que em janeiro de 1915 o rei Constantino poudesse «tornar-se util ao Kaiser»; uma proposta intervenção da Grecia a favor da Servia ficou inutilizada pelo Estado Maior germanizado, alegando-se que havia perigo para a Grecia em vista da força da Bulgaria. Porém este mesmo Estado Maior tinha declarado a Venizelos em maio de 1914 que o exercito grego poderia resistir vitoriosamente contra a Bulgaria e a Turquia sem o auxilio da Servia. Pareceu apresentar-se outro ensejo quando em março de 1915 o negocio dos Dardanelos — do qual falaremos em breve — obrigou Venizelos a demitir-se. Houve então uma explosão de propaganda inspirada pela Alemanha; o agente alemão, barão von Schenk, obteve a direção de varios jornais gregos, e um ministro do novo governo Gounaris, com a maior inconveniencia, anunciou ao povo que era preciso escolher entre a politica de Venizelos e a da Corôa. Numa monarquia constitucional a Corôa não tem politica; mas não ha duvida que a tinha neste caso. Contudo o ministerio Gounaris continuou a dar o seu apoio á Servia; e toda a Grecia aplaudiu quando em abril o governo tomou, de acordo com a Servia, as medidas necessarias para proteger a via ferrea de

Vardar contra os ataques dos comitadjis bulgaros. As eleições do mez de junho restabeleceram Venizelos no poder. Então o rei Constantino e os seus partidarios germanófilos prepararam-se para um golpe de Estado.

A ocasião desejada apresentou-se em setembro quando a Bulgaria atacou a Servia. No dia 21, Venizelos, como chefe responsavel do Governo, e de «completa harmonia» com o rei, prometeu á França e á Gran Bretanha que a Grecia mobilisaria, sob condição que os Aliados a auxiliassem desembarcando tropa em Salonica. Concordaram. No dia 23 o rei Constantino, consoante com os seus proprios fins, ordenou a mobilisação. No dia 29 declarou Venizelos na Camara que o exercito teria de combater não só os bulgaros mas os austro-alemães. A Camara deu um voto de confiança. Porém o embaixador alemão, o conde Mirdach, interveiu, e a seu pedido o rei, estando os Aliados já comprometidos com a expedição a Salonica, exigiu a demissão de Venizelos, colocando-se assim definitivamente fóra da Constituição. Venizelos demitiu-se no dia 5 de outubro ás 15 horas, duas horas depois começou o desembarque das tropas dos Aliados. A Camara rejeitou de pronto os novos ministros; nisto o rei violou de novo a Constituição, dissolvendo a Camara. Tinha-se constituído em rei autocrata, fiando-se no apoio do Alto Comando germanisado do exercito que ele tinha mobilisado para auxiliar o seu golpe de Estado. O convite da Salonica não passava dum laço armado aos Aliados.

III

A Bulgaria

O rei Constantino fez-se rei autocratico, responsavel — segundo elle proprio dizia — só a Deus. Os gregos dos tempos remotos ter-lhe-hiam dado o nome de «tirano», ente do qual, a seu ver, se deviam livrar por todo e qualquer modo. Do direito que assistia ás Potencias Protetoras de intervirem desde logo, não havia duvida, pois pelos tratados que estabeleceram a monarchia grega, e em particular o tratado de Londres de 13 de julho de 1863, tinham garantido a Constituição grega; e os tratados impunham igualmente obrigação por parte do soberano eleito pelo povo grego de respeitar a Constituição. Os Aliados, contudo, usaram da maxima paciencia. A Servia fez apelo á Grecia para que respeitasse o tratado; a Gran Bretanha fez outro tanto e ofereceu ceder-lhe immediatamente a Ilha de Chypre. O proprio principe Jorge solicitou ao irmão «com toda a sua alma», que não causasse o «suicidio da nação». Porém o novo governo composto de adeptos do rei, declarou logo que o tratado nada tinha com as circumstancias. Poucos documentos ha na historia mais comoventes que aquele em que o governo servio, depois de destruir os sofismas de M. Zaimis sobre o tratado, pede pela ultima vez a intervenção da Grecia.

O facto é que o governo da Grecia estava de

conluio com a Alemanha e todo entregue a «preparar» as novas eleições em seu favor. Da lista de 750.000 eleitores, 550.000 recusaram-se a tomar parte na farça; portanto os amigos do rei mantiveram-se nas suas pastas e ficaram abolidos varios direitos e liberdades politicas. No entretanto a Alemanha fazia o seu jogo. Rompendo a Grecia o seu tratado com a Servia, via deante dos olhos a aquisição da Albania, Monastir, a Dodecanese e Chypre, além de grande auxilio pecuniario. Porém por ajuste feito com a Bulgaria em outubro de 1915 e publicado pela imprensa grega, a Alemanha já tinha prometido á Bulgaria a Albania, Monastir e a Macedonia grega e servia. E' claro que a legação alemã em Athenas tratou logo de negar o facto; foi, contudo, immediata e plenamente corroborado na Bulgaria. Em todo o caso, recusou-se o auxilio da Grecia á Servia. Sabe-se agora que se a Grecia tivesse intervindo impedindo durante um mez só que fosse a junção dos bulgaros e dos austro-alemães, a Bulgaria ter-se-hia visto exausta de munições. O rei Constantino foi portanto «utilissimo» ao seu chefe.

Na primavera de 1916 achavam-se os bulgaros na Fronteira grega. Mais uma vez o rei Constantino se tornou «util». Os documentos agora publicados que tratam da entrega do Forte Rupel, provam incontestavelmente que o rei e os seus partidarios foram cúmplices na invasão da Grecia pela Bulgaria. Basta dizer-se que em 10 de maio, tres dias antes do assalto ao Forte, M. Skouloudis, primeiro ministro, recebeu cartas

dos embaixadores da Alemanha e da Bulgaria em Athenas, annunciando que as suas forças reunidas iam entrar pelo territorio grego e ocupar os desfiladeiros de Rupel, e ele limitou-se a acusar a recepção das cartas sem nada fazer.

O rei Constantino fiou-se aparentemente nas garantias gerais dadas pela Alemanha sobre a integridade do territorio da Grecia; esse homem que, obedecendo ás ordens da Alemanha, tinha espésinhado um tratado, declarou ter fé na palavra da Alemanha. Nas entrevistas que foram publicadas pelas impressas britanica e alemã, ele afirmou saber que uma vez concluidas as operações contra os Aliados, os bulgaros retirariam pacificamente. Em maio, depois dos bulgaros violarem repetidas vezes o territorio grego sem que isso merecesse uma unica reclamação, o Forte Rupel, chave da passagem dos Balkans, foi entregue sem ferir golpe. Foi como se fossem os aliados do rei, como eram de facto e para todos os efeitos. A Alemanha prometeu que os bulgaros não entrariam nem em Drama, Seres nem Kavala; como era de prever eles trataram logo de ocupar essas tres cidades. A divisão grega em Kavala «entregou-se» e hoje estão á mercê da conhecida benevolencia alemã para com o povo grego; os soldados internados morrem de fome e de doenças no campo de Gorlitz e um dos officiais matou-se.

Vem hoje confirmado que a entrega do Forte Rupel representa peor que uma traição politica: foi comprada. Em 8 de agosto p. p., M. Negropontes, ministro das finanças da Grecia,

fez constar á Camara a historia dum emprestimo de 73.600.000 drachmas que o governo Skouloudis-Gounaris obteve da Alemanha e do qual não julgou necessario dar parte á Camara. O pagamento do emprestimo coincidiu com a entrega do Forte Rupel. E' justo declarar que nada leva a crer que o rei Constantino fosse implicado nesse negocio venal; esse soberano pertence simplesmente ao grande rol de déspotas que abandonam o seu paiz ao inimigo em troca do auxilio que dele recebem para se manter no poder. Os bulgaros apoderaram-se dos grandes depositos de generos, peças, espingardas e munições existentes em Kavala e a população grega ficou reduzida á fome. A Alemanha tinha garantido oficialmente as pessoas e as propriedades dos habitantes; segue portanto que a Bulgaria poz logo mãos á obra para aniquilar scientificamente o elemento grego na Macedonia, sem que a Alemanha interferisse; os relatorios sobre o assunto enviados ao governo pelas autoridades provinciais gregas, eram por sistema postos de parte. Se a Grecia está hoje de posse da Salonica, aos Aliados o deve.

O resto é do dominio publico. Reuniu-se em Paris um Congresso de representantes habilitados dos gregos estabelecidos no estrangeiro, que procuraram incutir no governo grego a noção dos seus deveres. Venizelos dirigiu-se ao rei num apelo comovedor. Falharam todas as tentativas pacificas. Venizelos então estabeleceu em Salonica um Governo Provisorio que foi reconhecido por todos os gregos que não se

acham impossibilidades pela força de se declararem. A maravilhosa paciência dos Aliados não se desmentiu apesar do exercito do rei Constantino ameaçar-lhes a rétaguarda; o morticínio á traição de marinheiros francezes e britanicos em Athenas no dia 1 de dezembro de 1916, seguido pela perseguição de varios venizelistas, por ordem do governo, — o unico sangue que se derramou durante esse periodo da «opressão da Grecia pelos aliados», ficou impune. Por fim a Revolução Russa veio dar aos Aliados do Ocidente a ocasião precisa. Depuzeram imediatamente o rei Constantino e obedecendo ao seu dever e usando dos direitos que lhes concedia o tratado de Londres, restauraram a Constituição grega. Retirou depois a administração dos Aliados e hoje o povo grego está de novo unido e senhor dos seus destinos. O primeiro uso que fez da sua liberdade foi de romper todas as relações com a Alemanha.

Ha tres seculos que a Gran Bretanha resolveu a contenda entre rei e parlamento. No grande discurso proferido por M. Venizelos na Camara grega em 26 de agosto, depois de recordar os acontecimentos do reinado de Carlos I, disse que havia de propôr á futura Assembleia Nacional o pôr-se no palacio do parlamento uma lapide com esta inscrição: «O rei Constantino, tendo pela segunda vez dissolvido a Camara de 1915 afim de impôr a sua vontade pessoal, foi destituído do trôno; a Camara dissolvida foi reconduzida e continuou no cumprimento dos seus deveres constitucionais.»

IV

A Turquia

Falta-nos agora estudar as relações existentes entre a Grecia e a Turquia pois ellas dão a melhor indicação do que vale a amisade da Alemanha para com a Grecia e provam quão terrivel foi o golpe com que a politica do rei Constantino feriu a raça grega. É sabido hoje que, emquanto a Alemanha fazia grandiosas promessas ao rei Constantino, ella estava organisando a ruina do helenismo na Asia Menor pela mão da Turquia. Na sua entrevista com o correspondente da Associação da Imprensa em 1 de setembro de 1916, o rei Constantino fez uma afirmação que produziu o seu efeito entre os Aliados: referiu-se á sorte que esperava os gregos na Turquia se ella declarasse a guerra. Os factos provam que tiveram essa sorte exactamente porque elle preferiu obedecer á Alemanha.

Se é verdade por um lado que a Gran Bretanha e a França tem sido amigas constantes da nação grega desde a guerra da Independencia, por outro lado é verdade que a Alemanha moderna tem sido a sua inimiga constante desde que iniciou em 1898 a sua politica pro-turca. Na questão da Ilha de Creta foi só a Alemanha que procurou coarctar a Grecia. Quando em 1913 a Gran Bretanha declarou que estava pronta a impôr a decisão das potencias com

respeito ás Ilhas gregas, mandando á Turquia uma esquadra internacional, a Alemanha negou o seu consentimento e o projecto foi abandonado; e quando mais tarde as potencias da Entente resolveram mandar uma Nota cominatoria á Turquia a respeito das Ilhas gregas, a Alemanha de novo se interpoz. A Turquia poudo assim zombar das decisões das Potencias; desde 1913, a Turquia dirigida pela Alemanha fazia uma guerra surda á Grecia, perseguindo os gregos da Asia Menor. Até agosto de 1914 tinham sido expulsos da Turquia 250.000 gregos e confiscados os seus bens no valor de libras 20.000.000; isto foi em tempos de paz. Desde que rompeu a guerra os acontecimentos teem-se seguido com mais rapidez, como passamos a ver.

Se o rei Constantino tivesse tido na realidade interesse pelos gregos da Asia, teria encontrado boa occasião de o provar quando, em fevereiro de 1915, Venizelos propunha mobilisar um corpo de exercito e atacar os Dardanelos. A Gran Bretanha tinha garantido á Grecia os distritos gregos da Asia Menor e tinha-se comprometido tratar com a Russia de qualquer dificuldade que surgisse devido á presença de tropas gregas em Constantinopla. Naquella occasião Galipoli achava-se, a bem dizer, sem defeza e os turcos já tinham resolvido evacuar Constantinopla; o representante grego nessa cidade enviou sobre o assunto repetidos despachos. Por fim o rei Constantino deu o seu consentimento, ou real ou fingido, á expedição;



sem duvida sabia o que ia acontecer. O que aconteceu foi que o Estado Maior germanizado, obrando a favor duma politica puramente alemã, interveiu e recusou-se a aproveitar essa porta aberta alegando que «a Grecia nada tinha que ver com a Asia Menor». Tal era o desvelo que o rei e os seus amigos dispensavam aos gregos da Turquia. Foi este um dos actos mais «uteis» que tinham praticado a favor das Potencias Centrais. Salvou a Turquia e condenou os gregos da Asia á sorte dos Armenios.

Não é ignorado o facto que a «Politica Nacional» turca, conhecida tambem por Pan-Turanianismo, procura desnaturalisar, expulsar da Turquia ou exterminar todas as raças que não sejam turcas. Sabiamos ha muito que a Alemanha aprovava que a Turquia se desembaraçasse dos gregos da Anatolia. Falava bem claro o livro semi-oficial, *Der neue Dreibund*, publicado em 1915 por Herr Franz Kohler, mas que emanava na verdade da repartição dos negocios estrangeiros da Alemanha. A' Bulgaria dava-se a Macedonia grega e á Turquia as Ilhas; a Grecia obtivera essas Ilhas por efeito das victorias bulgaras; ficar ela de posse «constituia um perigo serio para a soberania turca da Asia Menor». «E' de uma importancia excécional o reforçar a nacionalidade turca no litoral.» «Se a Grecia se obstinar em manter o seu ponto de vista, ela terá que sofrer grandes perdas; pois *ela provoca a perseguição systematica* das populações gregas da Asia Menor.» «A Turquia tem de defender o litoral e as ilhas

contra a cubiça grega. As escolas e a lingua grega deviam ser suprimidas», etc.; e chegamos por ultimo á inevitavel conclusão que o helenismo na Asia Menor seria substituido pelo germanismo. Tal era o projecto, hoje conhecido. Em 20 de agosto, M. Politis, ministro grego dos negocios estrangeiros, apresentou á camara certos documentos que provam incontestavelmente que os gregos da Anatolia sofriam perseguições de acordo com o plano para o extermínio da raça grega na Turquia, plano concebido pelo Estado Maior Geral da Alemanha, o qual auxiliava e dirigia a sua execução. Entre esses documentos estava um relatorio enviado pelo ministro grego em Constantinopla, datado de 30 de abril de 1917, em que ele afirmava que tanto o ministro turco como o alemão lhe tinham confessado que o extermínio do helenismo era a consequencia duma resolução do Estado Maior da Alemanha.

Entre 1913 e 1916 os habitantes gregos da Anatolia ficaram reduzidos a metade do seu numero anterior, que era de dois milhões e meio. Continuou com toda a força o sistema de «deportações»; quem tiver lido o relatorio official sobre os massacres dos Armenios sabe o que isto significa. As victimas são espoliadas até ao ultimo ceutil e os seus bens são confiscados; durante a marcha estão expostas a inclemencias e insultos inauditos; morrem de fome e de doença; a intenção é que cheguem poucos ao novo distrito que lhes é destinado, e bem poucos o alcançam. Eis um exemplo do que está

sucedendo: Na primavera deste ano foram deportados da cidade de Aivali 30.000 gregos, homens, mulheres e crianças. O proprio povo turco sabe perfeitamente donde deriva esta barbaridade; o povo de Aleppo, depois do massacre naquela cidade, ao ver transportar os cadaveres dos armenios, dizia *Taalim el Alman*, «o ensinamento dos alemães».

São estes os alemães cujo governo tem a hipocrisia inegualavel de, ao verem os seus crimes expostos á luz do dia, falam na «opressão da Grecia pelos Aliados». Emquanto entretinham o rei Constantino com bonitas frases, planeavam com os seus aliados o exterminio da raça grega na Macedonia Oriental e na Anatólia; e esta politica teve o apoio e a aprovação do proprio rei e da sua camarilha, até que intervieram os Aliados. Mesmo que a Alemanha ganhasse a vitoria, esta gente não colheria o fruto da sua traição, pois os proventos seriam todos para a Turquia e a Bulgaria. Não estará completa a sua condenação?